

zão que encontramos tanta ineficiência e tanta preguiça hoje em dia. Pois, na verdade, quem está no lugar certo? Quem trabalha naquilo que gosta e que realmente o interessa?

EDUCAÇÃO PELA VONTADE

WILLIAM GODWIN

(in *The Enquirer*, 1797)

A liberdade é a mais desejável de todas as vantagens sublunares. Seria, portanto, de bom grado que eu transmitiria conhecimentos sem infringir, ou tentando violentar o menos possível, a vontade e o julgamento da pessoa a ser instruída.

Repito: desejo despertar num determinado indivíduo a vontade de adquirir conhecimentos. A única forma capaz de despertar num ser sensível a vontade de realizar um ato voluntário é exhibir-lhe os motivos que justificam este ato.

Há duas espécies de motivos: os intrínsecos e os extrínsecos. Os motivos intrínsecos são aqueles que surgem da própria natureza inerente ao objeto recomendado. Os extrínsecos são aqueles que, não tendo uma ligação constante ou inalterada com a coisa recomendada, estão associados a ela ou por acidente ou pelo desejo de um indivíduo.

Assim, eu tanto posso recomendar um tipo de conhecimento demonstrando as vantagens que necessariamente estarão ligadas à aquisição deste conhecimento ou serão consequência dela, ou posso recomendá-lo de forma despótica, por meio de persuasão ou de ameaças, demonstrando que sua aquisição contará com a minha aprovação e que a recusa de adquiri-lo provocará a minha contrariedade.

A primeira classe de motivos é, sem dúvida, a melhor. Ser levado a agir estimulado por tais motivos é condição pura e verdadeira do ser racional. Agir assim reforça a capacidade de julgamento e provoca um sentimento de independência. Faz com que o homem seja capaz de decidir por si e é o único método que pode fazer dele, verdadeiramente, um indivíduo – não uma criatura cuja fé está implícita, mas alguém capaz de exercitar sua própria compreensão.

Se alguma coisa é verdadeiramente boa, fácil será provar as suas vantagens. Mas, se não conseguires demonstrar a sua excelência, podemos suspeitar – com razão – que não estás capacitado para julgá-la.

Por que não poderei eu decidir por mim mesmo sobre o valor de algo que só conseguirei obter com o meu próprio esforço?

Será necessário que uma criança aprenda determinados fatos antes que possa ter idéia do seu valor? É provável que não exista nada suficientemente importante que mereça ser apreendido por uma criança. O verdadeiro objetivo da educação juvenil é fazer com que, ao chegar aos 25 anos, o jovem seja dotado de uma mente regulada, ativa e pronta para aprender. Qualquer coisa capaz de inspirar hábitos de trabalho e observação será capaz de atender a estes propósitos. E não seria possível encontrar alguma coisa capaz de satisfazer essas condições, cujos benefícios possam ser entendidos por uma criança e que ela seja levada a desejar aprender? Estudar pela vontade de aprender é uma atividade; sem esta vontade, não passa de uma caricatura de uma atividade real. Que, na nossa pressa e ansiedade para educar, não esqueçamos jamais os verdadeiros objetivos da educação.

O melhor método de ensino será, portanto, sempre que houver condições para praticá-lo, aquele que garanta que todos os conhecimentos adquiridos pelo aluno sejam precedidos e acompanhados pela vontade de adquiri-los. A melhor motivação para aprender é a percepção do valor da coisa aprendida. A pior, mesmo que não seja necessário decidir se devemos ou não recorrer a ela, será a coação e o medo. Há um motivo entre estes dois, menos puro do que o primeiro mas não tão desagradável quanto o último: a vontade, uma vontade que não tem origem na excelência intrínseca do objeto, mas nos atrativos que o professor possa ter anexado a ele...

Nada pode ser adaptado com tanta felicidade para remover as dificuldades do ensino do que fazer com que o aluno seja primeiro levado a desejar o conhecimento e depois facilitar a sua tarefa, removendo os obstáculos do seu caminho com tanta frequência e tão logo ele julgar necessário.

Este é um plano cujo objetivo é mudar inteiramente o ato de educar. Toda a formidável máquina até agora utilizada seria posta de lado. Rigorosamente falando, deixariam de existir até mesmo os personagens indispensáveis: aluno e mestre. Pois o aluno, tal como o mestre, estuda porque deseja fazê-lo, avançando segundo um plano por ele mesmo criado ou que passa a ser seu no momento em que o adota. Tudo revela a presença da independência e da igualdade. Tal qual o menino, o homem também não hesitará em consultar alguém que saiba

mais do que ele sempre que as dificuldades se apresentarem. O fato de que seja quase sempre o menino a consultar o homem e não o oposto deve ser visto mais como um acidente do que como um fato importante. Até mesmo isto poderia desaparecer se nos lembrássemos que o pior dos juízes pode muitas vezes – por força da variedade das coisas que aprendeu – dar informações valiosas ao mais esclarecido. Entretanto, é preciso que o homem consulte o menino naturalmente, não segundo um plano preestabelecido ou com o objetivo de convencê-lo de que ele é o que na verdade não pode ser. Há três grandes vantagens neste tipo de educação. A primeira delas é a liberdade. Três quartos da escravidão das limitações hoje impostas à juventude desapareceriam de um só golpe.

A segunda, a capacidade de julgar, seria fortalecida pelo seu exercício constante. Os meninos já não mais aprenderiam as lições como papagaios. Ninguém aprenderia sem uma razão capaz de justificar, a seus próprios olhos, os motivos que os levavam a aprender. E seria talvez até conveniente se lhes fizessem indicar freqüentemente quais seriam estes motivos. Os próprios alunos decidiriam por si mesmos se tinham ou não entendido aquilo que liam. Saber como e quando fazer uma pergunta é uma das coisas mais importantes num aprendizado. Muitas vezes os jovens passariam por cima de dificuldades, desprezando os preâmbulos absolutamente necessários, mas logo a própria natureza da coisa aprendida não tardaria a fazer com que voltassem atrás, induzindo-os a examinar mais uma vez os tratados que não tinham estudado antes. Com este objetivo, seria conveniente que os temas de seus estudos juvenis fossem discutidos muitas vezes e que um menino comparasse seu progresso e os conhecimentos adquiridos com os de um companheiro. Não há nada que desperte com tanta força para as nossas próprias falhas quanto esta forma de detectar a nossa ignorância.

Em terceiro lugar, estudar sozinho é o método mais certo para adquirir o hábito do estudo. O cavalo que anda em círculos em torno do moinho e o menino que tem suas dificuldades resolvidas antecipadamente e que é levado pela mão não são ativos.

Não creio que uma roda que gire cinqüenta vezes por minuto seja verdadeiramente ativa. A atividade é uma qualidade mental. Se, portanto, eu desejar criar hábitos de atividade, é melhor que deixe o menino solto pelos campos da ciência, para que ele mesmo encontre o seu caminho. Sem aumentar suas dificuldades, ele que fique sozinho

durante alguns momentos e que lhe seja permitido perguntar antes de receber a informação. Este sistema não pretende aumentar as dificuldades que todo o jovem encontra, mas diminuí-las: seu objetivo é criar uma inclinação pelo estudo e sabemos que um temperamento disposto faz com que todo o fardo pareça mais leve.

E, finalmente, este sistema tem uma tendência a produzir nos jovens, depois que se tornam homens, o amor pela literatura.

Os métodos atuais de educar produzem um efeito contrário, exceto em alguns poucos felizardos que, pela rapidez com que avançam e pelas distinções que obtêm, talvez consigam escapar da influência geral. Mas, na maioria dos casos, a memória da nossa escravidão fica irremediavelmente associada aos estudos que fizemos e é só depois de muito esforço que conseguimos fazer com que estas coisas, que durante tanto tempo foram objeto da nossa repulsa, passem a merecer outra vez nossa atenção voluntária.

ALTERNATIVAS PARA A DESEDUCAÇÃO

PAUL GOODMAN

(in *Deseducação compulsória*, 1962)

O sistema de educação obrigatória tornou-se uma armadilha universal que não traz nenhum benefício. Muitos jovens, tanto da classe pobre quanto da média, viveriam muito melhor se ele simplesmente deixasse de existir, mesmo que então deixassem de receber qualquer espécie de ensino. Estou curioso para saber os resultados de um estudo feito no Condado de Príncipe Eduardo, na Virgínia, onde durante alguns anos as crianças negras não freqüentaram a escola.

Mas o que seria dessas crianças? Para muitas delas, tanto as mais pobres quanto as que pertencem à classe média, o ambiente doméstico é pior do que qualquer escola e as ruas ainda piores, de uma forma diferente. Nossas cidades e subúrbios não são exatamente locais onde os adultos dão atenção aos jovens, preparando-os para uma vida viável. Além disso, alguns jovens, especialmente aqueles que deixaram abertamente o sistema, abandonando a escola, têm o corpo e o espírito tão doentes que é necessário que recebam algum tipo de consolo e atendimento, seja nas escolas, nas instituições recreativas dos bairros pobres, nos acampamentos etc.